

LITERATURA CONFSSIONAL E *GHOST-WRITER* EM

MINHAS MEMÓRIAS DE LOBATO

Gláucia Santos de Oliveira (Especialização – UEMS)

Resumo: Este trabalho se baseou em uma análise da obra *Minhas Memórias de Lobato contadas por Emília Marquesa de Rabicó e pelo Visconde de Sabugosa*, da escritora Luciana Sandroni, para fazer um estudo sobre literatura confessional, destacando as memórias, e a tendência literária conhecida como *ghost-writer*. A importância deste tipo de estudo consiste na característica da literatura confessional de registrar fatos, épocas e pessoas que marcaram uma sociedade, ou o mundo. E é isso que acontece em *Minhas Memórias de Lobato*, de uma forma pitoresca e inusitada que só a mandona boneca Emília e o subserviente Visconde de Sabugosa poderiam proporcionar, a vida e a obra de Monteiro Lobato são contadas e algumas vezes “reescritas” pela impertinente boneca. Para a elaboração deste trabalho foram realizadas pesquisas sobre literatura confessional, fundamentando-se em nomes como Pinto (1998), Fischer (2003), Coutinho (1978), Guerin (1972), Hamburger (1986), Remédios (1997), e outros. E pesquisas sobre *ghost-writer* cujos autores que falam sobre o tema são Delmaschio (2004), Mello Júnior (2008) e Passos (2007).

Palavras-chave: *Literatura Confessional; Memórias; Ghost-writer; Monteiro Lobato; Biografias.*

Abstract: This work was based on an analysis of the work *Minhas Memórias de Lobato contadas por Emília Marquesa de Rabicó e pelo Visconde de Sabugosa*, the writer Luciana Sandroni, to make a study of confessional literature, highlighting the memories, and literary trend known as *ghost-writer*. The importance of this type of study is the characteristic of confessional literature to record events, times and people who scored a society or the world. And this is what happens in *Minhas Memórias de Lobato*, in a picturesque and unusual that only the doll Emília bossy and subservient Viscode de Sabugosa could provide the life and work of Monteiro Lobato are told and ometimes "rewrites" the naughty doll. For the preparation of this work were conducted on confessional literature, basing himself in names like Pinto (1998), Fischer (2003), Coutinho (1978), Guerin (1972), Burger (1986), Remedies (1997), and other. And research on *ghost-writer* whose authors speaking on the subject are Delmaschio (2004), Mello Júnior (2008) and Passos (2007).

Keywords: *Confessional Literature; Memories; Ghost-Writer; Monteiro Lobato; Biographies.*

1. LITERATURA CONFSSIONAL

A escrita autobiográfica é tão antiga quanto o desejo do homem de registrar suas experiências pessoais, ou seja, desde que o homem sentiu a necessidade de consignar seus feitos, suas emoções e vivências ele passou a pôr isso no papel e iniciar o que se tornaria a literatura confessional.

Todavia, a literatura biográfica só ganhou força depois do surgimento do movimento burguês, quando o homem se conscientiza de sua importância na sociedade e da necessidade de estabelecer sua individualidade. “No século XIX, diários íntimos, memórias, relatos pessoais, confissões tornam-se produto de consumo corrente, marcados pela crença no indivíduo, pela atitude confessional e pelo objetivo de preservar um capital de vivências, recordações e fatos históricos.” (REMÉDIOS, 1997, p. 9).

Portanto, só a partir dessa época é possível pensar em gêneros intimistas, chegando-se ao marco do século XIX ser considerado o século das “memórias”, pois foi escrita uma grande quantidade de textos em que um “eu” contava suas experiências, e houve o reconhecimento do valor de cada indivíduo dentro da sociedade, e da individualidade de cada um. “O crescimento da população é o dado que impulsiona as narrativas autobiográficas, pois com o aumento do número de pessoas, começa-se a reconhecer o valor íntimo de cada indivíduo por suas vivências e interioridade.” (MACIEL, 2004, p. 78).

Contudo, apesar desse tardio início, atualmente a procura por livros de características confessionais, ficção ou não, não para de crescer. “Verificamos na atualidade que relatos; autobiografias; memórias; diários e todo o universo da escrita confessional aparecem em destaque nas livrarias e nas listas de livros mais vendidos de “ficção” e “não-ficção.” (MACIEL, 2004, p. 77). É provável que todas essas considerações sobre o início e a atual importância da literatura confessional suscitem as indagações sobre o que realmente é esse tipo de escrita, que textos abrange e como defini-la.

A literatura confessional compreende gêneros textuais como: memórias, diários, autobiografias e outros. É uma literatura tão antiga quanto qualquer outra, entretanto, era tida como menor e seguia separada das “altas literaturas” (MACIEL, 2004, p.75). Essa divisão entre literatura confessional e as demais, provém da ideia de que uma narrativa confessional é totalmente “não-ficção” decorrência de seu aspecto biográfico, o que é uma incoerência, uma vez que não há literatura sem resquícios de realidade e nenhuma narrativa biográfica é livre de aspectos ficcionais.

[...], não há literatura que não contenha elementos da realidade, assim como a chamada literatura intimista ou confessional não está isenta de desvios da linguagem, posto que é

impossível transpor qualquer realidade fielmente retratada para a página escrita. Os gêneros confessionais, portanto, são, como qualquer discurso, uma produção humana entrecortada de ficção. (MACIEL, 2004, p. 75).

Contudo, essa divergência não altera o fato de que a literatura é uma maneira excepcional de se contar as vivências humanas. Ainda que seja indiscutível a existência de obras ambientadas nos gêneros confessionais que são totalmente ficcionais e que fazem uso da escrita autobiográfica como um recurso a mais na narrativa.

No âmbito da escrita confessional há diversas formas de apresentação do “eu”, ou seja, as obras de cunho autobiográfico possuem várias ramificações entre si, porém não são iguais. “Difícil traçar o limite exato entre a autobiografia, as memórias, o diário íntimo e as confissões, visto conterem, cada qual a seu modo, o mesmo extravasamento do ‘eu’.” (MACIEL, 2004, p. 81).

As principais produções confessionais, principalmente para o foco deste trabalho que é a obra *Minhas Memórias de Lobato* da escritora Luciana Sandroni, são: biografias, autobiografias e memórias. E as três serão discutidas ao longo deste estudo.

A narrativa biográfica tem a tendência de organizar a história de vida relatada de um modo sistemático, ordenado, ou seja, o objetivo é montar uma história com começo, meio e fim. Segundo Herschmann e Rondelli: “As narrativas biográficas e autobiográficas oferecem um enquadramento retrospectivo e prospectivo ao ordenarem a vida articulando memória e aspirações dos indivíduos, suas motivações e o significado de suas ações numa conjuntura própria de vida.” (*apud* PENA, 2004, p. 21).

Lejeune elabora uma definição para o tipo de texto que se convencionou denominar autobiográfico baseando-se no funcionamento desse gênero literário. “Relato retrospectivo em prosa em que uma pessoa real faz de sua própria existência, pondo ênfase em sua vida individual e, em particular, na história de sua personalidade.” (LEJEUNE *apud* MACIEL, 2004, p. 83).

Essa definição serve para diferenciar a autobiografia dos demais textos confessionais. Em textos como o diário e a autobiografia, o que importa enquanto tema é a análise interior, a introspecção, a vida do narrador é mais importante que qualquer outro fato exterior. A característica principal desse tipo de narrativa é a franqueza e a visão pessoal de tudo que cerca o narrador.

Os textos conhecidos como memórias destacam acontecimentos e pessoas contemporâneos ao autor, isto é, coisas que ele mesmo testemunhou. Contudo, como esta narrativa tem a visão, as emoções, os pensamentos, as críticas, de uma única pessoa não pode ser considerada totalmente segura, pois muitas vezes é tendenciosa.

Visto que passam pelo crivo de um temperamento, de um caráter, de uma intenção, as memórias não oferecem grande segurança como fonte histórica. O autor conta o que viu e viveu, intercalando amiúde os seus comentários, irônicos, críticos, mordazes, assim prejudicando a objetividade do relato. (COUTINHO, 1978, p. 89)

Dentro da literatura confessional, a narrativa de memórias faz parte do gênero autobiográfico, em que um “eu” conta sua vida, contudo, as memórias assemelhando-se a história têm no passado sua fonte de pesquisa para contar e explicar o presente, e, a autobiografia volta-se para o contar de sua própria história, seu “eu-narrador”. “Se nas memórias temos um “eu” que quer tirar do passado uma leitura do mundo, na autobiografia temos um “eu” que quer tirar do mundo o que seja a sua própria história.” (MACIEL, 2004, p. 85).

O autor de memórias, partindo de algum fato por ele escolhido vai iniciar a narração de sua vida, o que significa que ele vai seguir uma ordem linear sendo esta fixa, inalterável. O narrador-eu vai lembrar e narrar os fatos de sua vida passada, ou seja, vai realizar uma retrospectiva sobre si mesmo. “O autor autobiográfico, seja autêntico, seja fingido, objetiva as suas fases anteriores. Ele vê o eu de sua juventude como um eu diferente do eu atual, que narra, que por sua vez é diferente de um eu posterior.” (HAMBURGUER, 1986, p. 252).

2. GHOST-WRITER

Toda obra necessita de um autor e todo autor necessita de um nome, ou seja, o anonimato não é aceitável quando se refere a uma obra. Contudo, o trabalho de um *ghost-writer* é sempre relegado ao anonimato enquanto, outro assume a autoria. No meio de toda a confusão que reina nesse âmbito autoral da existência ou não de um autor, não basta decretar a morte desse autor-anônimo, pois é forçoso considerar o poder de seu fantasma.

Não obstante o pensador Michel Foucault (1969), afirma que o ideal não é decretar a morte do autor, mas sim, redarguir sobre a noção de autoria presente em cada texto, ou seja, “a ‘função autor’ é, assim, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade” (*apud* DELMASCHIO, 2004, p. 3).

E com a função de complicar ainda mais toda essa relação entre autor e autor-fantasma, há ainda a dificuldade de relação entre escritor-fantasma, mercado editorial e leitores, justamente devido a não existência de seu nome em uma obra legitimamente escrita por ele.

O autor é considerado como fato externo, independente, contudo, ele deixa de ser o dono do significado, é “decretada sua morte”. Quem passa a deter o poder é o texto em si, o autor é apenas o criador, a pessoa que decodifica a linguagem enquanto o texto toma forma. Diante disso surge a dúvida da importância ou não da autoria da obra. Quando se refere ao conteúdo da obra não faz diferença quem o escreveu, e também quando se refere ao autor-criador não é relevante desde que o texto seja bom. Todavia a relevância quanto a quem é o autor, surge quando a preocupação não é em relação a autoria, mas sim, ao *status de autor* que alguns escritores possuem e outros não.

A origem do que é conhecido hoje como *ghost-writer*, cuja tradução na língua de Shakespeare significa literalmente *escritor fantasma*, remonta aos tempos do surgimento do mercado editorial, ou seja, quando a literatura começou a ser publicada e render algum lucro eis que surgiram os escritores prontos a plagiarem os grandes mestres e lucrarem com isso.

Entretanto, nos dias atuais, a definição para *ghost-writer* não se refere ao plágio e sim ao trabalho que um escritor faz sob solicitação de um outro menos talentoso, isto é, as coisas inverteram. “*Ghost-writer* conceito em inglês que, segundo o dicionário, nomeia o profissional dedicado a dar forma e estilo literário a uma ideia ou conjunto de ideias de outra pessoa para a composição de um livro.” (MELLO JÚNIOR, 2008, p. 1).

Muito semelhante à definição citada por Mello Júnior (2008), Passos (2007) define “*ghost-writer*, ou seja, pessoas que, profissionalmente ou não, escrevem no lugar do outro a quem a obra será publicamente atribuída.” (PASSOS, 2007, p. 63). Sempre portador de um excelente domínio da língua e de tudo que se refere à redação textual, o *ghost-writer* recebe a função de dar forma às ideias e/ou pesquisas de outras pessoas. A maior parte das pessoas com ambição de serem autores que procuram um *ghost-writer* o faz com o desejo de ver seu livro publicado. Contudo, como a realização de um livro não se limita à junção de vários fatos ou ideias, é necessário o talento de um escritor para a composição do mesmo, e esse papel de “organizador” realizado pelo *ghost-writer* se assemelha muito à função desenvolvida por um editor.

Todavia, o editor tem a clara função de estruturar os livros, enquanto, que o *ghost-writer* deverá, baseando-se nas pesquisas e informações do “autor” do livro, compor a obra encomendada. Como em muitos casos o livro que será redigido servirá como uma fonte de pesquisa para os admiradores do autor, é de extrema importância que o sigilo quanto a existência do *escritor fantasma* seja mantido, pois se uma informação como essa se tornasse pública era provável que a obra perderia seu impacto comercial.

E esse é o ponto de controvérsias na atividade de *ghost-writer*. Segundo Sinval Medina

Não tenho nenhuma restrição em dizer que faço este tipo de trabalho, mas tenho restrição em dizer por quem eu faço. Acredito que isto se deva ao fato de o livro mexer demais com o ego das pessoas, ainda é um símbolo mais importante de *status* intelectual na nossa sociedade. De modo geral, os autores inexperientes e candidatos a autores acreditam que seus livros vão mudar o mundo. Então, o que acontece? Para um autor que se vale de um *ghost-writer*, dividir a autoria é uma coisa penosa e complicada. (*apud* MELLO JÚNIOR, 2008, p. 2).

Como nos últimos dois séculos o escritor ganhou destaque e a imagem de intelectual ligada à publicação de livros adquiriu *status*, a presença do *ghost-writer* tornou-se incômoda, porém nada que a necessidade e o mercado editorial não possam superar.

Contudo, é necessário que o mercado editorial seja mais flexível e acabe por reconhecer a importância desses profissionais e reconheça o trabalho deles como muitas vezes necessário e útil para que o público venha conhecer por meio deles grandes pesquisas que muitos estudiosos fazem, e não têm condições de escreverem por si mesmos, necessitando recorrer ao escritor fantasma.

Segundo palavras do editor da Editora Record, Sérgio Machado:

Mas, enfim, o papel deste chamado *ghost-writer* é fundamental para a estruturação de uma obra com essas características. É ele que dá o arcabouço para que a história seja contada com uma certa lógica, compreensão e fluidez, mantendo um suspense, um interesse equilibrado. É uma técnica. Não é exatamente de escrever, porque tem gente que escreve e não domina esta técnica... Por isso, é fundamental no trabalho editorial, no sentido americano da palavra (edição), ter este profissional, e tem uns que vão realmente até o final da obra, outros servem de muleta, há vários tipos de intervenção. (*apud* MELLO JÚNIOR, 2008, p. 3).

Segundo Mello Júnior, no Brasil, a utilização de *ghost-writer* está se tornando cada vez mais aceitável, e as resistências que ainda existem serão quebradas mediante o sucesso de alguns livros que não foram necessariamente escritos por seu autor declarado.

3. ANÁLISE DA OBRAMINHAS MEMÓRIAS DE LOBATO - CONTADAS POR EMÍLIA, MARQUESA DE RABICÓ E PELO VISCONDE DE SABUGOSA

Este livro, apesar do que poderia sugerir o título, não foi escrito por Monteiro Lobato, mas sim, por uma escritora de livros infantis chamada, Luciana Sandroni. A história é uma espécie de segundas memórias que a personagem Emília resolve escrever, porém essa não irá tratar da sua própria vida e sim da biografia de seu grande criador, Monteiro Lobato. Emília já havia escrito um livro de memórias com a ajuda do Visconde de Sabugosa, o livro *Memórias da Emília* (1936), escrito na verdade por Monteiro Lobato.

Todas as personagens dessa obra são planas, pois não ocorre nenhuma grande mudança ou transformação durante o desenrolar da narrativa. O tempo da narrativa é cronológico, pois segue a ordem natural dos acontecimentos, baseando-se no tempo do relógio, do calendário: “Por incrível que pareça, Emília andava muito quieta. Pensava **odia inteiro** em que aventura ia se meter desta vez.” (SANDRONI, 1999, p. 3). Assim, como possui uma cronologia, uma ordem, dentro da própria história, a vida de Lobato também segue essa linearidade cronológica, ou seja, sua história é contada do nascimento até a vida adulta seguindo uma organização linear.

O espaço ou lugar onde a narrativa acontece, pode ser dividido em dois: O primeiro é onde está ambientada a narrativa de Luciana Sandroni, ou seja, onde Emília e o Visconde estão escrevendo as memórias de Lobato, neste caso o espaço é o Sítio do Pica-Pau Amarelo: “-Dona Benta, lamento informá-la, mas existe um ladrão **aqui no Sítio!** Um ladrão muito horrível. A pior espécie de ladrão: um ladrão de ideias.” (SANDRONI, 1999, p. 22)

O segundo pode ser dividido entre as diversas etapas da vida de Monteiro Lobato e os lugares em que ele morou, como: Taubaté, São Paulo, Areias, Fazenda do Buquira, Rio de Janeiro e Estados Unidos: “José Renato Monteiro Lobato nasceu no dia 18 de abril de 1882, na cidade de **Taubaté**, em São Paulo.” (SANDRONI, 1999, p. 11). A frase “cidade de Taubaté” refere-se ao local onde Monteiro Lobato nasceu e cresceu. Na sequência tem-se: “Lobato passou a adolescência estudando muito em **São Paulo** e passando as férias na fazenda.” (SANDRONI, 1999, p. 28). Caracterizando a cidade “São Paulo” como o lugar em que Lobato estudou na adolescência.

Em uma análise literária há três tipos diferentes de discursos que podem ser analisados: discurso direto, indireto e indireto livre. O tipo de discurso utilizado nessa narrativa é o discurso direto, pois se tem as falas das personagens anunciadas e introduzidas pela narradora: “De repente Emília se levantou da cadeira toda assanhada e abriu a torneirinha de asneiras, deixando o Visconde perplexo: - Eu já sei de tudo, senhor Visconde! Pode começar a escrever o próximo capítulo!” (SANDRONI, 1999, p. 20).

A narração dessa obra tem três momentos enumerativos: o primeiro acontece em terceira pessoa e pelo tempo presente, ou seja, uma pessoa fora do meio onde se desenvolve os acontecimentos é que está narrando, no caso Luciana Sandroni. É também chamada de narradora observadora, pois sabe tudo o que as personagens pensam (onisciência) e tudo o que elas fazem (onipresença): “Emília não gostou muito daquela ideia de não poder ir mandando no Visconde. Esse negócio de discutir não era com ela, dava muito trabalho.” (SANDRONI, 1999, p. 22).

A narradora Luciana, não estabelece relações com as personagens ou com o biografado, que é o Monteiro Lobato, ou seja, ela é uma narradora totalmente independente e isenta de qualquer tipo de julgamentos ou envoltimentos ficcionais ou não. O segundo momento é narrado também em terceira pessoa, contudo, pelo tempo passado, quando o Visconde escreve uma memória tradicional, vinculada a fatos verídicos referindo-se a vida de Monteiro Lobato: “Também na escola ‘Lobatinho’ aprontava. O H2O não falava de política, meteorologia, nem futebol. Seu jornal gozava os colegas.” (SANDRONI, 1999, p. 27).

Tudo o que o Visconde escreve na obra é fundamentado em pesquisas históricas e bibliográficas, nada é inventando, ficcional. O Sabugo científico considera a importância da pesquisa histórica e faz uso da mesma. A abordagem histórico-biográfica vê e analisa a obra literária como uma continuidade, uma imagem real da vida e da época em que seu autor viveu, ou da vida e época na qual as personagens da obra estão inseridas, considerando essa análise como fundamental para a compreensão da obra, afirmação da qual o Visconde de Sabugosa é totalmente a favor, também sendo da opinião de que: “Uma novela histórica tem probabilidade de ser mais significativa quando se compreende seu meio ou o do seu autor.” (GUERIN; LABOR; MORGAN, 1972, p. 4).

Pois, em muitos casos o autor (nesse caso, o Visconde de Sabugosa) está interessado em como o contexto histórico e os fatos da época influenciaram e moldaram a vida dessa personagem (Monteiro Lobato). Segundo Georges May: “Na narrativa memorialística destaca-se o fundo histórico-cultural filtrado pela memória e pela subjetividade de um *eu* social.” (*apud* REMÉDIOS, 1997, p. 14).

Geralmente toda a história de vida relatada é baseada em lembranças e em documentos como registros oficiais, cartas, diários, jornais, tudo para que se possa comprovar e firmar o escrito. E é isso que o Visconde de Sabugosa faz antes de começar a escrever, lê tudo o que a biblioteca do Sítio dispõe sobre a vida de Monteiro Lobato.

Toda essa preocupação já não acontece no terceiro e último momento, caracterizado pelo narrador em terceira pessoa e pelo tempo passado, contudo, com o diferencial de estar Emília transgredindo o caráter convencional das memórias quando resolve inventar suas próprias versões para os fatos ocorridos na vida de Lobato: “-Lobatinho, senhor Visconde! As memórias do Lobato são minhas e eu escrevo o que eu quiser!” (SANDRONI, 1999, p. 10)

A citação acima se refere ao momento em que Emília não aceita que o apelido de Monteiro Lobato seja Juca, e decide que em suas memórias ele será chamado de Lobatinho. Ao contrário de todo o cuidado que o Visconde teve em investigar a vida de Monteiro Lobato, a boneca Emília não teve escrúpulos de inventar uma série de coisas exageradas e muito imaginativas (pura ficção) sobre o seu criador.

4. RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIAS, *GHOST-WRITER* E A OBRA *MINHAS MEMÓRIAS DE LOBATO*

O livro *Minhas Memórias de Lobato, contadas por Emília Marquesa de Rabicó e pelo Visconde de Sabugosa*, como o próprio título indica refere-se as memórias, a vida do escritor Monteiro Lobato, contudo, narradas de forma singular e com certas diferenças em relação a uma memória tradicional. A primeira delas é que as memórias não são contadas pela personagem principal (Monteiro Lobato), e sim, por Emília e pelo Visconde de Sabugosa que ganham vida nas mãos da escritora Luciana Sandroni.

As memórias têm a função de relatar os acontecimentos importantes da vida de uma pessoa, suas emoções, seus feitos, momentos felizes e tristes, enfim, tudo que seja relevante para se conhecer melhor essa personagem da vida real.

Trata-se de um tipo de texto de alto valor, porque dá depoimento direto da vida, quase sempre a partir de um ponto de vista privilegiado: a vida de alguém, relevante ou não, que se toma como objeto de análise e rememoração, com isso permitindo a outros conhecerem bastidores de sua alma e de seu tempo que de outra forma são inacessíveis. (FISCHER, 2003, p. 36).

Na obra *Minhas Memórias de Lobato*, a boneca Emília declara que irá escrever as memórias de Lobato, e claro, vai falar muito sobre si mesma que ela considera como a personagem mais importante que ele criou:

- Tive uma ideia mirabolante! Vou escrever minhas memórias.

Dona Benta não entendeu nada. Será que Emília estava sofrendo de amnésia e tinha esquecido que já tinha escrito as *Memórias da Emília*?

- Mas, Emília, você já escreveu suas memórias. Não me diga que já tem um segundo tomo!

- Não, é que eu tive a ideia de escrever as memórias do Monteiro Lobato, e é claro que metade do livro vai ser sobre mim, já que eu sou a personagem mais importante que ele criou. Por isso o livro vai se chamar “Eu e Lobato”. (SANDRONI, 1999, p. 3-4)

A Marquesa de Rabicó se considera como a dona das memórias, e que, portanto, tem o direito de mandar e desmandar, sem dar satisfação a ninguém. Quando Dona Benta percebe que a boneca não sabe nada sobre a vida de Monteiro Lobato e nem pretende fazer uma pesquisa, a vovó fica danada de brava com ela, o que faz a boneca resolver que vai ter pesquisa então, mas quem vai pesquisar é o Visconde:

- [...]. Você vai ter que fazer uma pesquisa sobre a vida dele, e olha que tem muita coisa para ler. [...]

- Chega! Chega, Dona Benta! Eu não vou fazer porcarias de pesquisa nenhuma! Eu vou escrever tudo da minha cabeça, como todos os escritores! Duvido que alguém faça pesquisa. Eles dizem que fazem, mas no fundo saem inventando um monte de lorotas e todo mundo cai feito um patinho. Os poetas, por exemplo, aposto que são os primeiros que não fazem pesquisa, vivem mentindo e ninguém reclama. [...]

- [...]. No seu caso é diferente, você não está fazendo poesia e sim uma biografia. Não pode inventar a vida de uma pessoa que nasceu, foi criança, cresceu, publicou livros, casou. Você tem que pesquisar, ver as datas, os nomes. [...]

Emília viu que Dona Benta estava danada com aquela história de escrever a vida do Lobato sem pesquisar e então teve uma ideia:

- Está bom, a senhora ganhou, vai ter pesquisa, sim, mas só um pouquinho, e quem vai fazer é o Visconde! (SANDRONI, 1999, p. 4-5).

A partir do episódio acima descrito vai iniciar uma fase do livro que nada mais é que um claro exemplo da utilização de um *ghost-writer*, ou seja, Emília decide escrever as memórias de Lobato, mas não tem a intenção de fazer pesquisas para fundamentar seu livro, assim ela recorre ao Visconde de Sabugosa com o intuito de usufruir da inteligência e caráter investigativo do sabugo para que a realização do livro seja possível.

A exemplo do que acontece no meio editorial, em que uma pessoa que deseja ter um livro seu publicado, mas não tem talento ou vontade de escrevê-lo, Emília vai utilizar o *ghost-writer*, que nesse caso não é tão fantasma já que tem um nome, Visconde de Sabugosa, para escrever o livro por ela. Contudo, ao

contrário do acontece na maioria das vezes, sendo que o autor que assina a obra em hipótese alguma admite a existência de outrem por detrás da autoria.

A espoleta boneca admite que o sabugo ajudou-a, mas só “um pouquinho”, como ela mesma escreve em uma nota de agradecimento aos leitores, depois de dizer ao Visconde que os escritores são muito mal educados e nem agradecem às pessoas que leram sua obra:

- Não tem que passar nada a limpo, Visconde! – disse, tirando as memórias das mãos do Visconde. – Está muito bom assim. Agora eu vou me despedir dos leitores!

- Nunca vi escritor se despedir dos leitores!

- Isso é porque os escritores são muito mal-educados. Os leitores passam horas lendo os livros, às vezes são obrigados a ler, e os autores nem agradecem! Um bando de mal-educados. Bom, agora, bico calado pra eu me concentrar.

Respeitável público, até um dia. Espero que vocês tenham gostado das memórias de Lobato. É claro que algumas partes devem ter sido muito maçantes, e vocês devem ter tirado algumas dúzias de cochilos. O problema é que o Visconde, que me ajudou um pouquinho, adora se arrastar e não vai direto ao assunto. Fala, fala e não diz nada. Mas as partes boas, divertidas e engraçadas que foram escritas por mim, é claro, salvam esse livro do encalhe nas prateleiras. No mais, um abraço e até a próxima!

Emília, Marquesa de Rabicó. (SANDRONI, 1999, p. 87)

O Visconde que não se conformou com aquelas informações, decidiu escrever sua versão dos fatos:

- Pensando bem, achei essa ideia muito interessante. – Pegou as memórias das mãos de Emília e começou a escrever.

Leitores, até logo. Espero muitíssimo que vocês tenham gostado de conhecer a vida do famoso escritor Monteiro Lobato. Sei que algumas partes são bastante esquisitas, atrapalhadas e confusas, mas é que a Emília, que me ajudou um pouquinho, é muito mentirosa e adora inventar coisas que nunca aconteceram. Mas eu sei que a minha parte, a mais séria, a mais fundamentada, a mais científica, vai salvar esse livro do bolor das prateleiras. Um abraço e até a próxima.

Visconde de Sabugosa. (SANDRONI, 1999, p. 88).

Assim, o livro que é ao mesmo tempo as memórias de Lobato e a personificação do uso de um *ghost-writer*, o Visconde, chega ao fim, com a vida de Monteiro Lobato contada em uma mistura de realidade e ficção, ea autoria da obra dividida por Emília, Marquesa de Rabicó (que se denomina como a autora) e pelo Visconde de Sabugosa (seu *ghost-writer*).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste artigo foram feitas considerações sobre a literatura confessional, enfatizando as autobiografias, biografias e memórias, assim como uma exposição do fenômeno conhecido como *ghost-writer*, tendo como *corpus* a discussão da obra *Minhas Memórias de Lobato, contadas por Emília Marquesa de Rabicó e pelo Visconde de Sabugosa*. Ressaltando que literatura confessional ganhou destaque nos últimos anos e atualmente é um gênero com número crescente de leitores e edições.

Entendemos que a obra *Minhas Memórias de Lobato* está repleta de recursos literários e aproxima-se dos gêneros confessionais, pois dentro dessa única obra foi possível trabalhar memórias e *ghost-writer* e conhecer um pouquinho mais das travessuras e implicâncias da boneca Emília e do martírio de seu pobre “secretário”, Visconde de Sabugosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTINHO, Afrânio. Gêneros Ensaísticos. IN. *Notas de Teoria Literária*. 2ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

DELMASCHIO, Andréia Penha. *O paradoxo da anônima autoria em Budapeste, de Chico Buarque*. Vitória: UFES, 2004. Disponível em:

<<http://www.ufes.br/~mlb/multiteorias/pdf/AndreiaDelmaschioOParadoxoDanonimaAutoria.pdf>>. Acesso em: 29/07/2008 às 22h33min.

FISCHER, L. A. Linhagem das memórias. *Super Interessante*. São Paulo: Editora Abril, 2003. nº 11. p.36 – 40.

GOMES, Arnon. *Escritora carioca tem inspiração em Monteiro Lobato*
Online UNISANTA – Jornal Laboratório da Faculdade de Artes e Comunicação da Universidade Santa
<http://www.online.unisanta.br/2003/10-25/cultura-1.htm>>. Acesso em:
29/07/2008 às 20h40min.

GUERIN, Wilfred L; LABOR, Earle G; MORGAN, Lee. Tipos de Abordagens Tradicionais: Histórico-Biográfica. *Abordagens Críticas à Literatura*. Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1972.

HAMBURGUER, Käte. O Romance de Memórias. IN. *A Lógica da Criação Literária*. 2ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.

MACIEL, Sheila Dias. A literatura e os gêneros confessionais. IN. BELON, A. R.; MACIEL, S. D. (orgs). *Em Diálogo: estudos literários e lingüísticos*. Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2004.

MELLO JÚNIOR, José de. *Letras Fantasma*. 2008. Disponível em:
http://www.textosentido.com.br/letras_fantasma.htm>. Acesso em: 07/08/2008 às 20h30min.

PASSOS, Juliana da Silva. Breve espaço entre o autor-criador e o autor como mecanismo discursivo: o valor do autor na História. *Revista X*. vol.1. 2007.

Disponível em:

<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/revistax/article/viewPDFInterstitial/5357/6519>>. Acesso em:
30/07/2008 às 23h53min.

PENA, Felipe. *Teoria da biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

PINTO, J. P.A poética da memória. IN. *Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luis Borges*. São Paulo: Estação Liberdade/FAPESP, 1998, p.287-321.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. Literatura Confessional: espaço autobiográfico. IN. *Literatura Confessional-autobiografia e ficcionalidade*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SANDRONI, Luciana. *Minhas Memórias de Lobato contadas por Emilia, Marquesa de Rabicó e pelo Visconde Sabugosa*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1999.